

REDESCOBRINDO
YUKIO MISHIMA

CINEMA | LITERATURA | PERFORMANCE



A Fundação Japão em São Paulo, em parceria com a USP e a Cinemateca Brasileira, organizou o projeto multiangular Redescobrimdo Yukio Mishima, para celebrar o conjunto das obras desta figura representativa da literatura japonesa do século XX. E este folheto apresenta o conteúdo de Redescobrimdo Yukio Mishima, acrescido de informações adicionais ao projeto, que foi realizado em agosto de 2018. É uma grande satisfação que, a partir deste material, mais brasileiros conheçam o universo de Mishima.

O meu interesse pela leitura literária surgiu no final da década de 1960, quando Yukio Mishima já havia conquistado posição e fama nacional e internacionalmente como escritor. Bastante polêmico, já havia posado como modelo fotográfico imitando São Sebastião, além de ter provocado algumas discussões com integrantes de grupos de movimentos estudantis, na Universidade de Tóquio. Indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, tornou-se o escritor japonês mais conhecido na época. No entanto, após um discurso patriótico aos membros do exército das Forças de Autodefesa, chocou a todos ao se suicidar rasgando o próprio ventre. Nos meus 15 anos de idade, como filho de uma família comum de assalariados, foi um fato que me abalou muito. Era a primeira vez que via um adulto de pensamentos e ações tão severos, num momento em que o Japão vivia tempos de glória, com o rápido crescimento econômico.

Registramos, hoje, quase meio século desde a surpreendente morte de Mishima em 1970. Nesses quase 50 anos, a publicação de suas obras literárias e a encenação de peças teatrais têm sido repetidas, e cada vez mais têm chamado a atenção. Acredito que os temas que Mishima colocou em discussão no mundo através de suas obras ou mensagens continuam sendo renovados continuamente, como, por exemplo, gênero, sistema político do Japão, busca da beleza, Japão tradicional, etc. E as discussões não se limitam ao Japão, são temas globais. Não seria este o motivo para Mishima ser admirado?

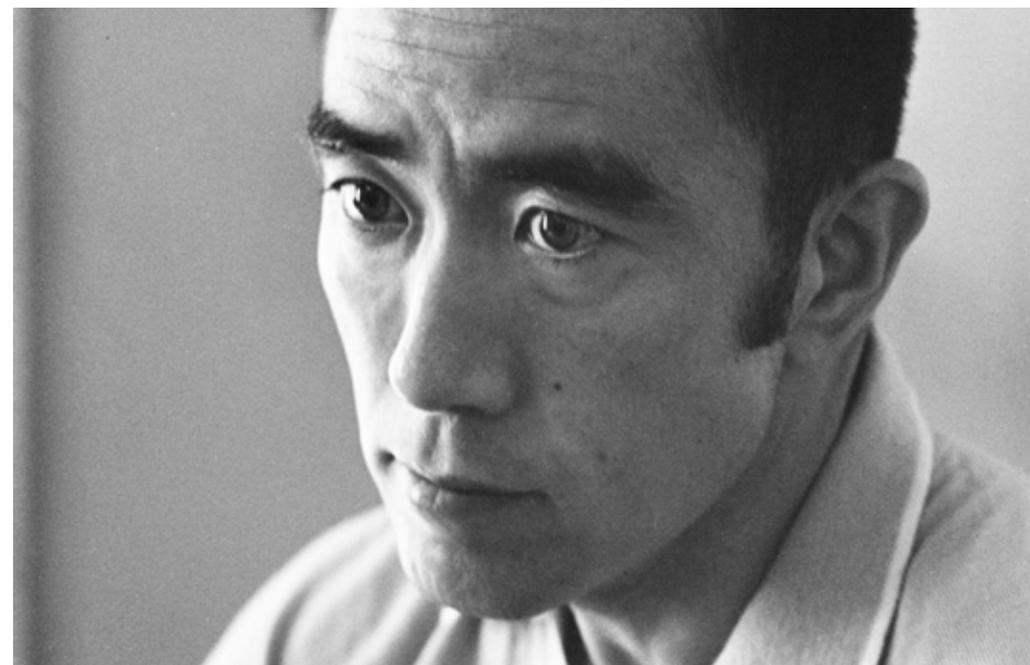
MISHIMA E O BRASIL

Mishima esteve no Brasil e, a partir dessa passagem, escreveu algumas obras. A literatura de Mishima pode ser apreciada em língua japonesa e portuguesa na Biblioteca da Fundação Japão em São Paulo. Planejamos a realização de clube de leitura acerca de Mishima e gostaria de contar com a participação de todos. Prosseguiremos com a realização de atividades relacionadas à literatura japonesa, e seus comentários e sugestões serão bem-vindos.

Por fim, expressei meu agradecimento à USP e à Cinemateca Brasileira pela parceria para a concretização do projeto; ao Prof. Kin'ya Sugiyama, da Universidade de Kanazawa, e à Profª. Makiko Kitani, da Universidade Doshisha, pelas palestras, e a todas as pessoas que colaboraram e participaram dos eventos.

Masaru Susaki
Diretor geral da Fundação Japão em São Paulo

YUKIO MISHIMA



© Shinchosha

Nascido em 14 de janeiro de 1925 com o nome Kimitake Hiraoka, Mishima teve seu debut literário aos 16 anos, enquanto estudante secundarista no Gakushuin, escola frequentada também por filhos de aristocratas. Seu pseudônimo, Yukio Mishima, foi escolhido nessa época.

Após graduar-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Tóquio, Mishima ganhou um posto de trabalho no Ministério das Finanças. Após certo tempo, tornou-se escritor. Com a grande repercussão de *Confissões de uma máscara*, livro no qual relata suas próprias tendências homossexuais, Mishima tornou-se um escritor estrelado. Escreveu romances, peças teatrais, críticas e outros gêneros literários, consagrando-se escritor representante do Japão da segunda metade do século XX. Com ampla exposição na mídia, atraiu grande atenção, como por exemplo ao posar nu para o ensaio fotográfico *Sentença de Rosas (Bara-kei)*, ou quando interpretou um mafioso no filme *O Homem do Vento Cortante (Karakkaze Yaro)*, título em inglês *Afraid to die*. Em seus últimos anos, suas tendências ultranacionalistas se intensificaram e passou a participar de movimentos políticos. Em 25 de novembro de 1970, Mishima fechou-se no quartel das Forças de Autodefesa em Tóquio em protesto por uma reforma constitucional, que tornaria oficialmente as Forças de Autodefesa em exército. Porém, por não conseguir persuadir os soldados para um golpe de estado, suicidou-se cortando o próprio ventre (*seppuku*).

Durante sua viagem ao redor do mundo, entre 1951 e 1952, Mishima visitou o Brasil e permaneceu aproximadamente um mês nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Lins. Entre suas obras ambientadas no Brasil, estão o conto *Mulheres insatisfeitas*, a peça *Toca de cupins* e o diário de viagens *O cálice de Apolo*.

O QUE ACONTECEU NO PROJETO REDESCOBRINDO YUKIO MISHIMA

Para celebrar a vida e a obra de Yukio Mishima, a Fundação Japão promoveu, de 9 a 23 de agosto de 2018, o evento Redescobrimdo Yukio Mishima: cinema, literatura e performance. O especial incluiu mostra de cinema, rodas de leitura, palestras e performance, em uma extensa programação em diversos pontos da capital paulista. Foi uma excelente oportunidade para o público brasileiro conhecer ou se aprofundar na história e obras de Yukio Mishima, pseudônimo escolhido pelo japonês Kimitake Hiraoka (1925-1970).

O evento contou com a vinda de dois especialistas japoneses em Mishima: a Professora Makiko Kitani, da Universidade Doshisha, e o Professor Kin'ya Sugiyama, da Universidade Kanazawa, que acompanhados pelo Professor Andrei Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e de jovens pesquisadores brasileiros do Curso de Letras - Japonês da Universidade de São Paulo, realizaram palestras e também participações durante a exibição da Mostra de Cinema.

Outro destaque foi a performance de butô de Emilie Sugai, baseada na obra *Sol e Aço*, traduzida pelo escritor Paulo Leminski, livremente inspirada na obra de mesmo nome, um dos últimos livros de Mishima.

Coreógrafa, dançarina de butô e performer, Emilie Sugai desenvolve uma linguagem própria e singular; em criações solas e em grupos, fruto de suas inquietações artísticas e de vida.

Todas as atividades deste especial tiveram entrada gratuita e grande participação do público.

Confira, a seguir, um pouco mais sobre a extensa programação do evento Redescobrimdo Yukio Mishima: cinema, literatura e performance.

MOSTRA DE CINEMA

A Mostra de Cinema do evento Redescobrimdo Yukio Mishima: cinema, literatura e performance aconteceu na Cinemateca Brasileira, localizada na Vila Clementino. Na programação, estavam clássicos como *O homem do vento cortante (Karakkazeyaro)*, de Yasuzo Masumura; *Ken: A espada (Ken)*, de Kenji Misumi; *Conflagração (Enjo)*, de Kon Ichikawa; *O Templo do Pavilhão Dourado (Kinkakuji)*, de Yoichi Takabayashi; *Mar inquieto (Shiosai)*, de Senkichi Taniguchi; *O equívoco da virtude (Bitoku no yoromeki)*, de Ko Nakahira; e *Neve de primavera (Haru no yuki)*, de Isao Yukisada.

Houve, antes de uma das exibições, a apresentação dos professores doutores Makiko Kitani (Universidade Doshisha) e Kin'Ya Sugiyama (Universidade Kanazawa), que vieram do Japão especialmente para o evento. Após a exibição, houve ainda a palestra da Profa. Kitani, "Yukio Mishima - às vésperas dos 50 anos de sua morte", seguida de bate-papo com o público, acompanhada do Prof. Dr. Andrei Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODAS DE LEITURA

Duas rodas de leitura, uma na USP e outra na Cinemateca Brasileira, reuniram os apreciadores da literatura de Mishima em um debate sobre as obras *Confissões de uma Máscara* e *Neve de Primavera*, entre outras, com a coordenação de Thainá Garcia e Davi Vassão Rodrigues, ambos da USP.

PALESTRAS

Além das apresentações dos professores vindos especialmente do Japão durante a programação de cinema, a Profa. Dra. Makiko Kitani também esteve na JAPAN HOUSE São Paulo para ministrar a palestra "Yukio Mishima - o Kabuki, a Era Meiji e o Brasil". Já o Prof. Dr. Kin'ya Sugiyama, apresentou *Confissões de uma Máscara e o mar*, na Sala Multimídia da Casa de Cultura Japonesa, na USP.

RESUMO DA PALESTRA "CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA E O MAR"

Prof. Dr. Sugiyama Kin'ya, Universidade Kanazawa



Em 28 de agosto de 1948, Yukio Mishima recebeu uma visita do editor Kazuki Sakamoto em seu local de trabalho, o Ministério da Fazenda. Sakamoto foi visitá-lo para pedir que Mishima escrevesse um romance, pois gostaria de publicá-lo. Mishima, dizendo que já estava planejando escrever um romance e que apostaria sua carreira como escritor em tal obra, exonerou-se do Ministério da Fazenda e dedicou-se exclusivamente à escrita. Assim, no ano seguinte, em julho de 1949, *Confissões de uma máscara* foi publicado. A crítica ficou dividida, com críticos elogiando a obra, dizendo que era uma "literatura masculina fidedigna" ou que, com essa obra, "a literatura japonesa havia finalmente entrado no século XX", assim como com críticos criticando-a, dizendo que "não havia nada de excitante na obra". Porém, exatamente por ter gerado tal discussão, a fama do romance se solidificou. Afinal, não foi nada menos do que *Confissões de uma máscara* o meio pelo qual Mishima tornou-se, ainda jovem, um cavaleiro do mundo literário japonês.

Traduzido para diversas línguas ao redor do mundo, incluindo o português, o romance conquistou um grande número de leitores. Com Mishima sendo um dos autores japoneses mais reconhecidos mundialmente, pode-se dizer que *Confissões de uma máscara* tem sua posição como Weltliteratur estabelecida.

O resumo de *Confissões de uma máscara* pode ser visto na décima página deste folheto. Sobre o tema e os pontos centrais da obra, penso o seguinte:

- 1) É uma "literatura de saída do armário", na qual Mishima assume sua orientação homossexual;
- 2) É uma forma evoluída do *shishosetsu* (também chamado Romance do Eu), adaptada para descrever a vida do próprio Mishima;
- 3) Possui uma estrutura temporal que utiliza-se da diferença de tempo entre o "eu" narrado (o protagonista) e o "eu" que narra (o narrador);
- 4) É um texto que cita e recobre-se de influências da literatura universal.

Esses temas e pontos centrais estão bastante simbólicos no episódio sobre o "primeiro banho", no início da obra. Neste episódio, o protagonista diz acreditar ter visto seu próprio nascimento, principalmente a cena de seu primeiro banho. Esta lembrança do primeiro banho provavelmente não descreve uma visão do próprio nascimento em si, mas mistura-se há um desejo de mostrar que ele, em algum momento, havia sido banhado pela "luz". Penso que o protagonista, ao passo que narra, nega essa memória, logo depois mencionando a cena do coletor de excrementos como sua verdadeira primeira memória. Se assim pensarmos, já aqui podemos ver os pontos de 1 a 3 mencionados acima. Além disso, um verso do começo do romance tem inspiração em *Em busca do tempo perdido*, de Proust, e o epigrama que o precede é uma citação de *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski.

Para esta palestra, me ative à expressão do mar em *Confissões de uma máscara*. Na obra de

Yukio Mishima existem diversos motivos característicos que vão além de uma só obra, mas, dentre eles, o “mar” é um motivo que tem sido considerado o de maior importância entre os pesquisadores de Mishima. Em sua primeira obra, publicada em 1941, *Hanazakari no mori* (*A floresta em flor*, em tradução literal), o mar já aparecia representado como um símbolo de admiração e em sua obra de renome mundial, *Mar inquieto* (1954), o mar é descrito de forma muito clara. Depois disso, Mishima seguiria descrevendo o mar em muitos de seus romances e peças teatrais.

A caracterização do mar em *Confissões de uma máscara* é bastante nítida. O protagonista, se masturba pela primeira vez vendo um catálogo com uma imagem da pintura *O martírio de São Sebastião*, de Guido Reni, à beira mar, enquanto mimetiza a aparência de São Sebastião.

O protagonista possuía sentimentos românticos para com um colega de classe mais velho, que é descrito de forma semelhante a São Sebastião. Ou seja, nessa passagem, o protagonista descreve seu narcisismo, pois procura em si o que gostaria de ser, enquanto sente atração sexual por este mesmo objeto. Além disso, seu sêmem é derramado no mar. Pode-se interpretar que a sua força vital, que não possui para onde ir, é devolvida ao mar. A imagem de que o mar representa a fonte da vida é compartilhada universalmente. Mishima utiliza-se dessa imagem para, perante o mar, descrever o desejo sexual escondido do protagonista, que só via a si mesmo.

Agora, gostaria de falar sobre Yukio Mishima e São Sebastião. Mishima, posteriormente, entregou-se ao fisiculturismo e obteve uma reformulação muscular. Assim, ele, que até então possuía um corpo magro e fraco, conquistou um físico rico como o de São Sebastião pintado por Reni. A seguir, entra em contato com o famoso fotógrafo japonês Shinoyama Kishin e é fotografado vestido como São Sebastião. Entende-se que São Sebastião era, segundo Mishima, um ícone predestinado.

Dito de outra maneira, em *Aporo no sakazuki* (*A taça de Apolo*, em tradução literal) de 1952, Mishima descreve seu amor pelo Rio de Janeiro e, também aqui, penso que se pode ver a presença de São Sebastião. Como muitos brasileiros sabem, São Sebastião é o santo padroeiro do Rio de Janeiro. Além disso, Mishima teria tido experiências homossexuais nesta cidade. Assim, se pensarmos que o Rio de Janeiro é o local em que os motivos tratados anos antes em *Confissões de uma máscara* tornaram-se realidade inesperadamente, pode-se entender que Mishima teria declarado que não voltaria a pisar no Brasil, e realmente não o teria feito, devido ao esplendor da impressão que sua experiência no Rio lhe causou.

Revedo o que tratamos nesta palestra, o motivo do “mar” existe desde as obras iniciais de Mishima na adolescência. Passa por *Confissões de uma máscara*, reforça-se nas viagens de Mishima ao exterior e alcança seu auge em *Mar inquieto*, tornando-se um motivo muito importante. A representação do mar em *Confissões de uma máscara*, antes mencionada, relaciona-se com a cena do “primeiro banho” no início da obra, com “O martírio de São Sebastião” e com outros motivos presentes no romance. Vendo dessa forma, tal passagem torna-se um cena excepcionalmente encantadora dentro de *Confissões de uma máscara*.

O presente texto faz parte de uma pesquisa subsidiada pelo auxílio de pesquisa JSPS KAKENHI (16K13193).



Não é preciso dizer que Yukio Mishima deixou obras-primas da Alta Literatura, como *O Pavilhão Dourado*, mas foi grande também sua influência na sociedade com best-sellers de literatura de entretenimento, como *Uma primavera longa demais*, e títulos que acabaram virando moda. Além disso, possui expressiva reputação como dramaturgo, tendo suas peças encenadas inúmeras vezes até os dias atuais. Amplamente apreciado por críticos pertencentes à Associação Internacional dos Críticos de Teatro, foi escolhido como dramaturgo número um do pós-guerra (de 1945 em diante). Para esta palestra sobre o aclamado teatro de Mishima, escolhi o teatro *kabuki*, a Era Meiji e o Brasil como três pontos de análise. Através deles, gostaria de refletir sobre o que é a cultura brasileira, da qual os brasileiros têm orgulho.

Primeiramente, falemos sobre o *kabuki*. O teatro *kabuki* surgiu na Era Edo. Em Meiji (1868 – 1913), novas peças foram encenadas, mais fáceis de entender, pois eliminavam os modelos anteriores, tais como o *shamisen* (instrumento japonês de três cordas) e o *gidayu* (narrativa dramática cantada). Após a reinauguração do teatro Kabuki-za, em abril de 1951, que havia sido vítima dos incêndios da guerra, todo mês novas peças eram encenadas, mas nenhuma delas nos modelos de antigamente. Já Mishima publicou em vida seis peças de *kabuki*, que ficaram conhecidas como *Kabuki Mishima*. As peças seguem os modelos existentes desde Edo e têm sido encenadas até hoje.

Mishima escreveu seu primeiro *kabuki*, *O biombo do inferno* (1953), obedecendo a “lei das três unidades”. Em 1955, publicou *O orvalho no lótus: contos de Ouchi*, inspirado em temas de *Fedra*, peça do teatro clássico francês de Racine. Mishima escolheu escrever um *kabuki* ao observar que os estudantes franceses eram levados por suas mães ao Comédie-Française para assistir *Fedra*. Ao pensar nessa forma de ver *Fedra*, no Japão isso só seria possível com o *kabuki*. Inevitavelmente, acaba sendo Utaemon (N.A.: Nakamura VI) (*Sobre ‘O orvalho no lótus: contos de Ouchi’, 11/1955*). Comédie-Française é o nome da companhia teatral real francesa e do teatro que tem esta como sede, com tradição remontando ao século XVIII. Nakamura Utaemon VI foi um ator que dominou o mundo do *kabuki* no pós-guerra (após 1945) como a “autoridade máxima do *onnagata* (ator de papel feminino)”. Mishima acreditava que para encenar o teatro clássico francês no Japão, o ideal seria o teatro clássico *kabuki*.

O Kabuki-za, reconstruído como símbolo da cultura japonesa, seria o teatro à altura do Comédie-Française, assim como o único capaz de encenar o papel de Fedra seria Utaemon. Isto significa dizer que, mesmo o país sendo diferente, a literatura clássica, o significado de ir ao teatro, a forma de encenação e a posição do ator são algo comum para o mundo todo. Em outras palavras, Mishima sentia que na arte não existem barreiras, e tentou harmonizar no palco do teatro a tradição e a cultura de cada país.

Passemos então para o segundo ponto, a Era Meiji. O ano de 2018 marcou os 150 anos desde o início da era moderna no Japão, a Era Meiji. Mishima publicou, em 1956, uma peça que

retrata Meiji. Trata-se de *Rokumeikan*, uma das principais representantes do teatro do autor, com inúmeras encenações até hoje.

O Japão da Era Edo era fechado e não havia comércio com o exterior. Porém, na Era Meiji, o país passou a enviar estudantes e figuras centrais do governo à Europa e Estados Unidos para que aprendessem sobre os sistemas educacional e político e implantassem-nos no Japão. Construiu-se também o *Rokumeikan*, local onde aconteciam bailes noturnos. As figuras importantes do exterior que vinham ao Japão eram levadas ao local, de modo a demonstrar a alta força nacional e o nível de cultura.

Rokumeikan narra a história da ex-gueixa Asako, então esposa do Ministro das Relações Exteriores, que não comparecia de modo algum aos bailes do *Rokumeikan*. Certo dia, uma marquesa íntima de Asako pede a esta que a ajude no romance de sua filha. O alvo desta paixão era o filho de Asako e Kiyohara, seu namorado da época de gueixa. Asako descobre que o filho planeja assassinar o pai, ou seja, seu antigo namorado. Para fazê-lo desistir de seu intento, compareceu ao baile do *Rokumeikan*. Em resumo, o que muda Asako é o amor por seu antigo namorado. Através de Asako, Mishima busca transmitir que não é possível transformar as pessoas, não importa o quanto as políticas e a sociedade mudem. O que as transforma é o sentimento que aflora de dentro de si mesmas. Mishima toma como palco da peça o *Rokumeikan*, prédio símbolo da ocidentalização, e tenta descrever o contraste entre público e privado, o político e os sentimentos individuais, enquanto funde Japão e Ocidente nas roupas e cenário.

Por fim, tratemos do terceiro ponto de análise, o Brasil. Em março de 1952, Mishima visitou Rio de Janeiro, São Paulo e Lins, voltando ao Rio para participar do carnaval. O autor teve a sensação de ter visto no Brasil seu próprio passado, sua época de criança. Também comparou diversos elementos do carnaval com o *kabuki*. Por exemplo, o confete jogado sobre as cabeças com os papezinhos espalhados como se fosse neve no *kabuki*, ou então as pessoas que gastam nos quatro dias de carnaval todo o dinheiro poupado em um ano, com os agricultores de Kyoto, que poupam durante o ano para ver o *kabuki* de dezembro. No *kabuki*, há uma passarela chamada *hanamichi*, que vai dos assentos ao fundo até o palco, por onde os atores entram e saem de cena, também utilizada para encenações. Mishima notoriamente escreve que o desfile de carnaval é como o desfile no *hanamichi*.

Este é o motivo pelo qual escolhi sobre o teatro de Yukio Mishima a partir dos três pontos de análise acima. Aprendeu sobre literatura e arte do estrangeiro, e desejava viajar ao exterior desde cedo. Encontrou pontos comuns na cultura e arte de diversos países, e tentou harmonizá-los. Visitou o Brasil após passar pelo Havaí e os Estados Unidos, e ao ver casais de brancos e negros juntos no carnaval, escreveu que no Brasil não há tanta discriminação racial quanto nos Estados Unidos. Ainda, publicou uma peça ambientada em uma fazenda no Brasil, na qual retrata um casal de imigrantes de primeira geração e empregados jovens da segunda geração. Mishima experimentou o Brasil como sociedade multiétnica e retratou isso em suas obras.

Para encerrar, gostaria de propor a todos a reflexão sobre qual a impressão de vocês a respeito da postura de Yukio Mishima em reescrever o teatro clássico francês em *kabuki*? Quais os pontos em comum entre o *kabuki* e o carnaval? Pois acredito que, assim como o Mishima interessou-se pelo Brasil, através do interesse pela arte e cultura japonesa, podemos desenvolver ainda mais os laços de amizade entre Brasil e Japão.

O TEATRO DE MISHIMA

Profa. Dra. Makiko Kitani, Universidade Doshisha



Foto de Nakamura Utaemon VI em novembro de 1967, no teatro Kabukiza, na apresentação de *Yuya*, peça de *Kabuki* escrita por Yukio Mishima.

© SHOCHIKU. FOTO DE CHIAKI YOSHIDA

A revista de crítica teatral *Theatre Arts*, em sua edição inaugural comemorativa “50 anos de teatro pós-guerra”, de 1994, realizou uma enquete com todos os membros pertencentes ao AICT/IATC JAPAN (Associação Internacional de Críticos de Teatro Japão). Foi pedido que eles enumerassem as obras que consideravam “representativas do teatro pós-guerra”, e *A marquesa de Sade* (*Sado koshaku fujin*, 1965), de Yukio Mishima, ficou em primeiro lugar. *Cinco Nô modernos* (*Kindai Nogaku-shu*, 1956), *Rokumeikan* (1956) e outras também entraram na lista, e Mishima alcançou a primeira posição também na categoria de dramaturgo. Depois dos anos 2000, algumas de suas obras além das mencionadas, como *Lagarto negro* (*Kurotokage*, 1969) e a peça *Kabuki Iwashiro Uri Koi Hikiami* (1953), foram reencenadas.

A obra *Toca de Cupins* (*Shiroari no su*, 1956) se passa no Brasil. Em março de 1952, Mishima visitou a Fazenda Tarama, na cidade de Lins, onde viu um cupinzeiro que se tornaria a motivação da obra, que foi publicada como a primeira peça longa em vários atos de Mishima. Esta obra também foi reencenada, em 2017.

Em *A marquesa de Sade*, “o papel principal são as falas em si”, e creio que em todas as peças de Mishima o que mais nos encanta são as palavras. Para quem compreende japonês, as esplêndidas palavras criadas por Mishima cobrem este espaço chamado teatro e nos levam a um estado emocional que faz com que nos sintamos dentro do mundo da obra. Porém, por outro lado, devemos prestar atenção ao fato de que peças de Mishima seguem sendo traduzidas e encenadas ao redor do mundo. Ou seja, mesmo traduzida, a linguagem de Mishima possui força, provando, também, que as obras do autor são dramas completos.

As obras de Yukio Mishima têm uma posição estabelecida nos palcos e, ainda hoje, seguem expandindo este mundo.

Prof. Dr. Andrei Cunha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Mishima é o escritor japonês mais traduzido no Brasil, e sua obra é sinônimo, para muitos leitores brasileiros, de literatura japonesa. O autor foi publicado em todas as décadas desde a primeira tradução de um romance seu, em 1968, até o lançamento de dois títulos inéditos, previstos ainda para 2019.

Depois do Banquete, vertido da tradução para o inglês e publicado aqui quando Mishima ainda estava vivo, foi provavelmente escolhido para ser sua primeira obra traduzida devido ao escândalo associado ao romance no Japão: um importante político processou o escritor, pois enxergou na trama detalhes de sua vida privada. Encontra-se aí uma característica da obra de Mishima como um todo: ela transborda os limites do livro impresso, refletindo-se na persona pública que o autor criou para si.

O suicídio do autor, em 1970, e o espetáculo midiático que a ele se associou, chegou ao Brasil na forma de inúmeras notícias em jornais brasileiros. Talvez devido a sua visibilidade na imprensa, em 1976 temos a primeira tradução brasileira de *Confissões de uma máscara*, novamente a partir da edição em inglês. Até o fim dos anos 1990, o Mishima que o leitor brasileiro conhece é uma tradução do inglês americano, e os títulos escolhidos são fruto de uma pré-seleção, que não reflete a profunda relação que existia entre Mishima e o nosso país. O autor esteve aqui, em 1952, escreveu ensaios sobre o Carnaval do Rio e outros aspectos da nossa sociedade, e se inspirou em nossa paisagem para escrever duas peças teatrais. Nenhum desses textos foi até hoje publicado no Brasil.

Uma das obras mais importantes do escritor é a tetralogia *Mar da Fertilidade*. Mishima era um autor extremamente culto, e a cultura que ele tinha era uma combinação muito rica de autores japoneses e europeus. *Mar da Fertilidade* busca ser uma resposta “japonesa” aos grandes ciclos romanescos ocidentais, como os *Rougon-Macquart* de Émile Zola. No entanto, no lugar da decadência de uma família presa de uma hereditariedade perversa, a tetralogia de Mishima lança mão do conceito de vidas passadas, fazendo com que o protagonista de cada volume morra e reencarne como o protagonista do livro seguinte. A obra ecoa duas importantes narrativas tradicionais do Japão: *O Romance do Genji*, de Murasaki Shikibu (século XI) e o épico *A História dos Heike* (século XIV). Do *Genji*, Mishima parece ter utilizado a ideia de que estamos condenados a nos relacionarmos sempre com as mesmas pessoas, enxergando em amores futuros os rostos de nosso passado. Do *Heike*, além de inúmeras situações dramáticas e tropos narrativos, o autor repete a visão profundamente pessimista da condição humana, fruto de uma variedade do budismo que acreditava que o fim do mundo estava próximo, devido ao excesso de pecados dos vivos.

No entanto, sabe-se que o autor não era budista, nem acreditava em reencarnação. Na verdade, esses conceitos presentes nos livros são utilizados como ferramentas narrativas, o dínamo que movimenta a máquina da trama. Ao contrário dos romances europeus que o inspiraram, Mishima revela em suas tramas um viés antinaturalista e antipsicológico, expressando sua visão pessimista da sociedade japonesa, em defesa de valores tradicionais e aristocráticos com os quais ele crescera e que ele considerava em perigo de extinção. Foi por esses ideais que, em 25 de novembro de 1970, o autor cometeu suicídio.

A seleção e apresentação dos livros contou com a colaboração do Mishima Yukio Literary Museum (Mishima Yukio Bungaku-kan).

http://www.mishimayukio.jp/english/en_guide.html
506-296 Hirano, Yamanakako-mura, Minamitsuru-gun, Yamanashi-Ken, 401-0502, Japão

CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA

Primeira edição: julho de 1949 | Editora Kawade Shobo



A obra-prima que obtve o reconhecimento de um crítico que havia dito que, ainda que tivesse talento, o autor não possuía verdade em sua voz.

Autobiografia sexual narrada em primeira pessoa. Uma “confissão” “mascarada” que engloba do nascimento à presente fase adulta do

protagonista, que não apresenta interesse por mulheres e sente-se atraído por homens fortes e robustos, como um coletor de excrementos, soldados, perfuradores de bilhete de metrô, seu colega de classe repetente etc. Em meio à guerra que se intensifica, o personagem central apaixonou-se por Sonoko, mas não consegue sentir atração sexual por ela. Após o fim da guerra, ele encontra-se às escondidas com Sonoko, agora casada com outro, mas, durante o encontro, seus olhos voltam-se para um jovem robusto. Uma obra que apresenta a tristeza de alguém alienado ao mundo real.

Outras obras escritas nessa época (1948-1949): *Borboleta*, *Martírio*, *Reunião de família*, *Iniciais*, *Cabeça de cabra*, *Terapia para a doença chamada felicidade*, *A marcha dos monstros*, *A santa*, etc.

MAR INQUIETO

Primeira edição: 10 de junho de 1954 | Editora Shinchosha

Uma história de primeiro amor entre um jovem e uma moça cheios de vida. Com a ilha de Kamishima, em Mie, como parâmetro, esse romance fora adaptado ao cinema cinco vezes.

Sob as águas da baía de Ise, está a ilha de Kajima, uma terra isolada da cultura citadina. O pescador Shinji apaixonou-se por Hatsue, a filha de um homem rico da ilha. Em um local abandonado, os dois abraçam-se nus e fazem juras de amor puro. Devido ao ciúme de uma moça que frequenta universidade em Tóquio, do estorvo criado pelo filho de um influente, e do pai de Hatsue e seu pulso firme, os dois separam-se. No entanto, as atitudes heroicas de Shinji movem o pai de Hatsue, que permite que os dois se casem. A história de dois jovens que, à moda da Grécia Antiga, apaixonam-se sem nem mesmo conhecerem o conceito de primeiro amor.

Outras obras escritas nessa época (1954): *Aoi no ue*, *Vendeta*, *A raposa das artes*, *O menino que escrevia poesias*, *A paixão do bonzo do Templo Shigadera*, *S.O.S.*, etc.

O PAVILHÃO DOURADO

Primeira edição: 30 de outubro de 1956 | Editora Shinchosha

Obra-prima que descreve o conflito entre vida e beleza. Uma projeção da vida do autor; baseado no incêndio criminoso do pavilhão dourado.

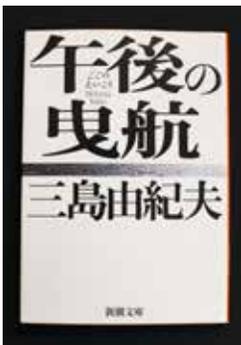
Obra que relata a vida de Mizoguchi, em primeira pessoa, que foi criado em um templo pobre, até o momento em que ele ateia fogo no pavilhão dourado. Ele, que aprendera com seu pai sobre as belezas do pavilhão dourado, torna-se um aprendiz no templo e ingressa na universidade. A beleza do pavilhão apresenta diversas faces aos olhos de Mizoguchi. Sob o perigo de bombardeamentos aéreos, sentia-se a beleza próxima. No entanto, com o fim da guerra, o pavilhão dourado torna-se uma entidade transcendental e faz com que ele não consiga relacionar-se com mulheres. Finalmente, Mizoguchi coloca fogo no pavilhão dourado e decide viver. Pode-se ver como a força vital do autor exterminou a força enfeitiçante da beleza.

Outras obras escritas nessa época (1956): *Primavera cheia de gelo*, *O quimono azul de inverno*, *Dezenove anos*, *Daishogai*, *Pontes*, etc.



O MARINHEIRO QUE PERDEU AS GRAÇAS DO MAR

Primeira edição: 5 de julho de 1949 | Editora Kawade Shobo



Um jovem prestes a completar 14 anos comete um assassinato. O "caso de Kobe" nos faz lembrar dessa obra.

Fusako Kuroda e seu filho Noboru conhecem o valente oficial náutico Ryuji Tsukazaki ao visitarem um navio atracado em Yokohama. Noboru pensa em Ryuji como

um herói. Fusako e Ryuji se apaixonam. Após 4 meses, o navio volta a Yokohama. Ryuji, que agora acredita que não há glória no mar, pede Fusako em casamento. Sabendo disso, Noboru sente-se traído pelo herói e planeja com seus amigos o assassinato de Ryuji. Chama a atenção a pura crueldade dos meninos que mataram um homem pelo fato deste ser um pai. Há uma adaptação para o cinema tomando a Inglaterra como cenário.

Outras obras escritas nessa época (1963): *Escola da Carne, Pão de uva, Pérola, Automóvel, Meus anos de peregrinação*, etc.

MARQUESA DE SADE

Primeira edição: 15 de novembro de 1965 | Editora Kawade

Esta obra-prima representante do teatro de Mishima foi escrita invertendo-se as técnicas de encenação do teatro traduzido do modernismo japonês.

Peça de três atos que tem como cenário o salão da mãe de Renee, a Marquesa de Sade, em Paris na época da Revolução Francesa. O grande prazer da peça está no embate de falas entre as mulheres vestidas com esplendor. Ao mesmo tempo em que se dedica a Sade na prisão, do começo ao fim da obra, Mishima diz ter tentado esclarecer o estado psicológico de Renee,



que entra para o convento sem se encontrar com Sade após sua soltura. Porém, há também um grande significado na existência do próprio Sade, apesar deste não aparecer na peça. A montagem dirigida por Lukachevskii criou sensação ao usar apenas homens para os papéis femininos.

Outras obras escritas nessa época (1965): *Peregrinação aos templos de Kumano, O martírio de São Sebastião, Amor puro da manhã, Neve de Primavera* (Primeiro volume de *Mar da Fertilidade*), *Sol e Aço*, etc.

SOL E AÇO

Primeira edição: 20 de outubro de 1968 | Editora Kodansha

Um tratado sobre o físico de Mishima, que passou de alguém com saúde debilitada a um homem de físico robusto. Uma obra que sugere a morte.

Mishima, que possuía um corpo fragilizado, ganhou músculos por meio do fisiculturismo e dos banhos de sol (sol e aço). Ele, que até então vivera no mundo das letras, arriscou-se no caminho da pena e da espada, ou seja, a união entre erudição e artes marciais. Entretanto, ele percebeu que, no fim dessa estrada, encontra-se a morte. Além disso, criando músculos, encontra felicidade ao integrar-se à multidão, mas profere que é por meio do sofrimento que se obtém a verdadeira integração. Segundo ele, a multidão é "uma ponte a um caminho sem volta". Os músculos foram o que o levaram a buscar a multidão e a sonhar com um voo para o além.

Outras obras escritas nessa época (1965-1968): *A voz dos heróis mortos, Cavalo selvagem* (segundo volume de *Mar da fertilidade*), *O Hagakure; a ética dos samurais e o Japão moderno, Vendo vidas*, etc.

MAR DA FERTILIDADE

NEVE DE PRIMAVERA

Primeira edição: 5 de janeiro de 1969 | Editora Shinchosha

Primeiro volume de *Mar da Fertilidade*, a grande obra de Yukio Mishima

Ambientada no início da Era Taisho, a história narra o trágico amor entre Kiyooki Matsugae e Satoko Ayakura,



noiva de Sua Alteza Imperial, o Príncipe Harunori. Após abortar um filho concebido com Kiyooki, Satoko deixa seu lar e entra para o templo Gesshuji em Nara. Sem ter conseguido se encontrar com ela, Kiyooki morre após prometer para seu amigo Honda que eles se reencontrarão aos pés

de uma cachoeira. Esta obra, inspirada na história *Hamamatsu Chunagon Monogatari*, da literatura de corte do Período Heian, é o primeiro volume da tetralogia *Mar da Fertilidade*, que tem como base sonho e reencarnação, e cujo título foi inspirado no nome de uma lua. Já foi encenada por Somegoro Ichikawa (atual Koshiro Matsumoto) e Yoshiko Sakuma.

Outras obras escritas nessa época (1965-1966): *Pardal de língua cortada, A estética do fim, Canção do vassalo ruim, Ruy Blas*, etc.

MAR DA FERTILIDADE

CAVALO SELVAGEM

Primeira edição: 25 de fevereiro de 1969 | Editora Shinchosha

Neste segundo volume de *Mar da Fertilidade* é retratado o movimento democrático do início da Era Showa.

No ano 7 da Era Showa, o agora juiz Honda encontra-se com Isao Iinuma na cachoeira de Sanko, que se localiza no Monte Miwa, em Nara. Isao era a reencarnação de Kiyooki. Com intenção de organizar uma "Liga do Vento Divino" da Era Showa, Isao planeja entre outras coisas o assassinato de um líder do mundo financeiro, mas é descoberto antes e preso. Após ser solto, Isao comete sozinho o assassinato de Busuke Kurahara, um eminente grise do mundo financeiro, e suicida-se cortando o próprio ventre. Se por um lado *Neve de Primavera* é uma novela "feminina" e "nigimitama" (espírito harmonioso), *Cavalo Selvagem* é uma novela "masculina" e "aramitama" (espírito feroz)". A história verídica da "Liga do Vento Divino", incorporada na obra, acabou se tornando o destino do próprio Mishima.

Outras obras escritas nessa época (1967-1968): *Relógio, Estética do Homem, Noites árabes, O declínio da família Suzaku, Em defesa da cultura*, etc.

MAR DA FERTILIDADE

O TEMPLO DA AURORA

Primeira edição: 10 de julho de 1970 | Editora Shinchosha

Terceiro volume de *Mar da Fertilidade*, escrito como uma exótica novela do "kushimitama (espírito primoroso)".

Aos 47 anos, Honda vai à Tailândia e conhece a jovem princesa Ying Chan, que diz ser a reencarnação de Isao. Porém, na ocasião da viagem da princesa Ying Chan ao Japão após o fim da guerra, ela declara não se recordar desses fatos. Honda, que havia espionado o ato de amor lésbico entre a princesa Ying Chan e Keiko, ao mesmo tempo em que tem certeza de que a princesa é a reencarnação de Kiyooki e Isao, desespera-se com sua condição de não poder fugir do mundo do conhecimento. Embora quase todas as citações referentes à doutrina budista do Yōgachara, que Honda aprende dentro da narrativa e usa como prova de reencarnação, já tenham sido pesquisadas, esta é uma obra repleta de questões que precisam ser examinadas.

Outras obras escritas nessa época (1968-1970): *O que é romance?, Miranda, Sobre o abismo da cultura japonesa, Contos da Lua arqueada, A queda do anjo* (Quarto volume de *Mar da Fertilidade*), etc.

MAR DA FERTILIDADE

A QUEDA DO ANJO

Primeira edição: 25 de fevereiro de 1971 | Editora Shinchosha

Último volume de *Mar da Fertilidade*. O manuscrito foi entregue ao editor na manhã do dia da morte de Mishima.

Agora, aos 76 anos, Honda se depara com o jovem Toru, que aparenta ser o próprio arquétipo da consciência de Honda. Honda adota Toru como filho, mas este fracassa em uma tentativa de suicídio, que o deixa cego. Toru era uma falsa reencarnação. Honda visita o Gesshuji após 60 anos e revê Satoko, mas esta diz não conhecer nenhum Kiyooki e indaga se tudo não é fruto de uma história imaginada por Honda. Apesar do final ser bastante diferente daquele idealizado inicialmente, com relação ao estado de espírito de Honda, Mishima afirma que talvez tenha conseguido se aproximar do sakimitama (espírito de alegria).

Outras obras escritas nessa época (1970): *Propondo uma questão, Yangmingismo como filosofia revolucionária*, etc.

VIDA À VENDA

1998 | Editora Chikuma Shobo

O romance inédito de Yukio Mishima será lançado pela Editora Estação Liberdade em 2019 em tradução de Shintaro Hayashi.

Publicada em série na Playboy Japão em 1968, esta ficção *cult*, elegante e divertida, nos apresenta ao jovem publicitário Hanio Yamada, que, após uma tentativa malsucedida de suicídio e totalmente descrente em relação ao próprio futuro, anuncia nos classificados de um jornal: "Vendo minha vida. Use-a como quiser." A

partir daí, ele terá de lidar com as figuras que respondem a seu anúncio, seus caprichos absurdos e façanhas inimagináveis. Um mundo de vingança, mafiosos assassinos, câmeras escondidas, uma mulher vampira, cenouras venenosas, espionagem, uma herdeira junkie e explosivos caseiros se revelam de forma surpreendente a Hanio. Existe alguma coisa que ele possa fazer para frear tudo isso? Os perigos contínuos o levam a uma melhor compreensão sobre o valor da vida e a se questionar se é possível determinarmos nosso próprio preço.

Mais um mergulho ousado e espirituoso de Mishima nos desejos e inseguranças da alma humana.

CINEMA

O projeto Redescobrimdo Yukio Mishima exibiu 7 títulos cinematográficos na Cinemateca Brasileira. A mostra com títulos de 7 diretores distintos, apresentou filmes produzidos de 1954 a 2005, com destaque para *O Homem do Vento Cortante*, que contou com Yukio Mishima no elenco.

O HOMEM DO VENTO CORTANTE (*Karakkazeyaro*)

de Yasuzo Masumura

Japão, 1960, 35 mm, cor, 97'

Exibição em 35mm

Com: Yukio Mishima, Ayako Wakao, Eiji Funakoshi, Takashi Shimura, Yaeko Mizutani



© 1960 Kadokawa Pictures

KEN: A ESPADA (*Ken*)

de Kenji Misumi

Japão, 1964, 35 mm, pb, 94'

Exibição em 16mm

Com: Raizo Ichikawa, Yūsuke Kawazu, Akio Hasegawa, Akitake Kono, Yuka Konno

CONFLAGRAÇÃO (*Enjo*)

de Kon Ichikawa

Japão, 1958, 35 mm, pb, 99'

Exibição em 35mm

Com: Raizo Ichikawa, Ganjiro Nakamura, Tatsuya Nakadai, Tanie Kitabayashi

O EQUÍVOCO DA VIRTUDE (*Bitoku no yoromeki*)

de Ko Nakahira

Japão, 1957, 35 mm, pb, 96'

Exibição em 35mm

Com: Yumeji Tsukioka, Rentaro Mikuni, Ryoji Hayama, Chikako Miyagi

MAR INQUIETO (*Shiosai*)

de Senkichi Taniguchi

Japão, 1954, 35 mm, pb, 96'

Exibição em 16mm

Com: Akira Kubo, Kyoko Aoyama, Yoichi Tachikawa, Kichijiro Ueda, Toshiro Mifune

O TEMPLO DO PAVILHÃO DOURADO (*Kinkakuji*)

de Yoichi Takabayashi

Japão, 1976, 35 mm, cor, 109'

Exibição em 16mm

Com: Saburo Shinoda, Toshio Shiba, Katsuhiko Yokomitsu, Yoshie Shimamura

NEVE DE PRIMAVERA (*Haru no yuki*)

de Isao Yukisada

Japão, 2005, 35 mm, cor, 150'

Exibição em 16mm

Com: Satoshi Tsumabuki, Yuko Takeuchi, Sosuke Takaoka, Michiyo Okusu

AGRADECIMENTOS

Ana Cristina Yokoyama / Andrei Cunha / Cinemateca Brasileira / Claudia Ideguchi / Consulado Geral do Japão em São Paulo / Davi Vassão Rodrigues / Editora Estação Liberdade / Emilie Sugai / Felipe de Alcântara Nascimento / Guilherme Castro / Japan Actors' Association / JAPAN HOUSE São Paulo / Kadokawa Pictures / Kin'ya Sugiyama / Leandro Pardi / Livia Fusco / Makiko Kitani / Mishima Yukio Literary Museum / Monica Kulcsar / Neide Hissae Nagae / Olga Futeima / Rodolfo Rocha / Sachio Negawa / Shinchosha / Shirlei Lica Ichisato Hashimoto / SHOCHIKU Co., Ltd. / Thainá Bertrille Garcia / TOHO / Universidade de São Paulo, Curso de Letras, Japonês / William Soares Bezerra

CONHEÇA A FUNDAÇÃO JAPÃO

A Fundação Japão foi estabelecida em 1972, vinculada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, para o cultivo da amizade e laços entre o Japão e o mundo, proporcionando a mútua compreensão através do intercâmbio cultural e do diálogo. Organiza atividades sob três grandes divisões: intercâmbio artístico e cultural, ensino da língua japonesa no exterior, e estudos japoneses e intercâmbio intelectual.

Com a sede localizada em Tóquio, mantém 25 escritórios em 24 países. O escritório de São Paulo existe desde 1975, e além da organização das atividades centradas nos três grandes pilares da instituição, conta com uma biblioteca especializada em assuntos japoneses, que atende o público de terça a sexta, das 10h30 às 19h30, e sábado, das 9h às 17h.

A biblioteca da Fundação Japão iniciou suas atividades em julho de 1994, com o objetivo de dar suporte à disseminação da cultura e da língua japonesa. Nela, é possível encontrar uma ampla oferta de mídias em japonês, inglês, português, etc. tais como livros, revistas, mangás, audiovisuais, entre outros; sendo possível se informar sobre temas e tendências atuais e também conhecer um pouco mais sobre o Japão como um todo.

Entre os livros de Yukio Mishima de nosso acer-



vo destacam-se, em língua portuguesa: *Confissões de uma Máscara, Cores Proibidas, O Hagakure, Mar Inquieto, O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar, Morte em Pleno Verão e outras Histórias, Neve de Primavera, A Queda do Anjo, Sol e Aço, O Templo da Aurora, O Templo do Pavilhão Dourado*; em língua inglesa: *After the Banquet, Five Modern No Plays, My Friend Hitler and Other Plays of Mishima Yukio, Silk and Insight, Thirst for Love*; em língua japonesa: *Wakaki samurai no tame ni, Utsukushii hoshi, Utage no ato, Sho-setsuka no kyuka, Rokumeikan*, etc. Convidamos o leitor a conhecer estas obras e várias outras sobre Mishima que, juntas, somam mais de 140 livros, em diversos idiomas.

Informações: biblioteca@fjso.org.br



© Emidio Luisi

Emilie Sugai, coreógrafa, dançarina de butô e performer, criou e apresentou uma performance de butô inspirada nos escritos de *Sol e Aço*, de Yukio Mishima, em agosto de 2018 na Cinemateca Brasileira.

Fundação Japão em São Paulo

Av. Paulista, 52 – 3º andar | Bela Vista | São Paulo – SP | Tel: (11) 3141-0110 | www.fjsp.org.br

 Fundação Japão  @fundacaojapaosp  @japanfoundation_sp